

COMO PRODUZIMOS IDEIAS PARA AS NOSSAS PESQUISAS EDUCACIONAIS?

Rômulo Teixeira Macedo¹

Cleonara Maria Schwartz²

Às vezes tenho idéias felizes,/ Idéias subitamente felizes, em idéias/ E nas palavras em que naturalmente se despegam.../ Depois de escrever leio.../ Por que escrevi isto?/ Onde fui buscar isto?/ De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu.../ Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta/ Com que alguém a valer o que nós aqui traçamos? (Álvaro de Campo, in "Poemas", Heterônimo de Fernando Pessoa).

Resumo: O objetivo deste ensaio é problematizar, a partir da obra *Problemas da poética de Dostoiévski* do filósofo da linguagem *Mikhail Bakhtin*, como produzimos ideias para as nossas pesquisas educacionais. Por isso, utilizamos a abordagem bibliográfica-documental mediante a consulta de livros e artigos do autor e de alguns estudiosos da premissa bakhtiniana. Desse modo, contextualizar o seu trabalho é uma tarefa complexa, pois requer uma leitura do autor no seu tempo, sem simplificações ou apropriações deterministas que limitam as possibilidades de ampliar e problematizar as questões mais atuais.

Palavras-chave: Ideias. Pesquisas educacionais. Linguagem.

HOW DO WE PRODUCE IDEAS FOR OUR EDUCATIONAL RESEARCH?

Abstract: The purpose of this essay is to problematize from the work *Dostoevsky's Problems of Poetics* by the *Mikhail Bakhtin* language Philosopher how we produce ideas for our educational research. Therefore, we use the bibliographical – documentary approach from books and articles by the author and some scholars of the Bakhtinian premise. Thus, contextualizing his work is a complex task, since it requires a reading of the author in his time, without simplifications or deterministic appropriations that limit the possibilities of enlarging and problematizing the most current issues.

Keywords: Ideas. Educational research. Language.

¹ Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Núcleo de Estudos em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES). Membro da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALf). E-mail: romuloletreiro@gmail.com.

² Professora associada do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 (CNPq). E-mail: cleonara.schwartz@gmail.com.

1 INICIANDO UMA CONVERSA...

O presente ensaio se deu por uma suposta ideia: Por que não estudar e problematizar a ideia em *Doistoiévski* na obra do filósofo da linguagem *Mikhail Bakhtin* intitulada *Problemas da poética de Dostoiévski*. A constituição dessa ideia só foi possível de ser assegurada com as aulas do Seminário Bakhtin e a Educação, ministradas pela professora Cláudia Maria Mendes Gontijo, no curso de Mestrado e Doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os encontros tinham como objetivo central discutir na fonte, os principais conceitos-chave que esse autor elaborou durante o seu percurso de vida.

A finalidade deste ensaio é problematizar como construímos as nossas ideias para as nossas pesquisas educacionais. Com isso, precisaremos recorrer ao conceito de ideia desenvolvido por Bakhtin na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. Sendo assim, buscaremos desenvolver as principais tematizações e reflexões, em que o autor desenvolveu com relação "[...] à colocação da ideia no universo artístico de Dostoiévski" (BAKHTIN, 2015, p. 87). Por isso, estamos tentando responder com essas colocações iniciais, a pergunta de Álvaro de Campo, *Onde fui buscar isto?* Pois buscamos com essas considerações situar você leitor sobre o enfoque deste *ensaio-ideia*.

2 A IDEIA: UM LABIRINTO DE VOZES

Bakhtin, ao analisar a ideia no universo de Doistoiévski (escritor, jornalista e filósofo), formula no capítulo 3, a construção do conceito e os seus principais desdobramentos no universo artístico. O conceito de ideia está imbricado com o mundo do herói. Assim, segundo Bakhtin (2015, p. 100), "[...] Dostoiévski não criava as suas ideias do mesmo modo que as criam os filósofos ou cientistas: ele criava imagens vivas de ideias auscultadas". Desse modo, tratando-se de composições das ideias, inferimos, a partir da citação, que as nossas criações, os nossos atos de pensamentos estão atravessados pela busca de conhecimento que, por sua vez, envolve um constante diálogo com as nossas realidades. Esse diálogo com outras realidades leva-nos a compor ideias verdadeiras, sobre as dimensões sociais da nossa contemporaneidade. Bakhtin (2015) salienta que Doistoiévski nunca criava as suas ideias a

partir do nada. Compreendia que "[...] como o artista não inventa as pessoas que retrata; sabia auscultá-las ou adivinhá-las na realidade presente" (BAKHTIN, 2015, p. 101).

O interessante da discussão que estamos propondo é que todo o processo da ideia não está isolado das configurações do mundo. Entendemos que os sujeitos constroem suas ideias, a partir do diálogo com as transformações do tempo. Nesse sentido, ao construir os seus posicionamentos, tornam-se sujeitos, que interrogam e travam lutas constante com os dizeres dos outros. Podemos dizer que essa constante luta com os dizeres dos outros é um ato de conhecer e sondar as vozes ideias existentes das nossas realidades. Assim, Bakhtin (2015, p. 100) afirma o auscultar a sua época como um grande diálogo, capaz de captar nela não só vozes isoladas, mas antes de tudo as relações dialógicas entre as vozes, as interações dialógicas entre elas.

Contudo, todo o processo de composição de nossas ideias está situado nas relações dialógicas com outras vozes existentes, que estão posicionadas em um momento e um contexto histórico. A ação de elaboração das ideias se constitui como uma linda batalha de conversas, e também de discordâncias com os outros diálogos.

Ao pensarmos sobre esses diálogos que estabelecemos com as outras ideias, podemos afirmar a origem desses pensamentos humanos. Esses pensamentos povoam ideias dos outros, ideias que acabam interagindo como uma rede de múltiplos diálogos diversificados. Portanto, segundo Bakhtin, “[...] o pensamento humano só se torna pensamento autêntico, isto é, ideia, sob as condições de um contato vivo com o pensamento dos outros” (BAKHTIN, 2015, p. 98). Só é possível um pensamento verdadeiro, ou seja, uma ideia verdadeira, com uma relação ancorada em outras ideias, ou, em outros pensamentos ou outros dizeres. Desse modo, o conhecimento produzido por nós, seres humanos, parte de um contato direto com outras ideias autênticas.

É preciso salientar, aqui, que todas as formações de ideias não se fundamentam, ou seja, não são geradas em uma formação psicológico-individual, subjetiva, com origens na cabeça do ser humano. Bakhtin (2015) afirma que todo o processo de criação da ideia não é na esfera da consciência individual, mas em uma comunicação dialogada entre as consciências. Nessa direção, adverte que “[...] a ideia é um acontecimento vivo, que irrompe no ponto de contato dialogado entre duas ou várias consciências” (BAKHTIN, 2015, p. 98). Desse modo, todo acontecimento se dá no plano exterior, ou seja, as ideias estão presentes em

um mundo exterior, e não em mundos interiores psicológicos. Assim, as ideias nascem em dimensões exteriores, ou seja, em realidades históricas da nossa sociedade.

De acordo com Bakhtin (2015), as ideias são como os discursos, que merecem ser ouvidas, respondidas por outras vozes de outras posições. Portanto, a ideia é por excelência dialógica na sua elaboração. Nesse sentido, as nossas pesquisas precisam ser ouvidas, respondidas e constituídas por ideias, que estão firmadas em um dado momento histórico. Assim, as ideias de nossas pesquisas estão situadas e posicionadas em um contexto de produção. Todos os pensamentos (ideias) partem de uma luta com as vozes dos outros.

Sabemos que as ideias, em consonância com Bakhtin (2015, p. 99), “[...] converte em arena de luta das vozes dos outros”. Podemos salientar que as pesquisas educacionais partem de um princípio básico, ou seja, o levantamento de outras ideias, ou seja, outros pensamentos que estão circulando no mundo do conhecimento ou na esfera de comunicação que integramos. Esse levantamento requer uma luta de confrontos, concordâncias e aproximações com as outras supostas ideias. De certa forma, o diálogo entre ideias acaba se tornando uma arena de luta. Nessa perspectiva, construímos ideias para as pesquisas em um campo de luta sempre permeado por vozes, que ecoam na nossa constituição como pesquisadores, estudantes e professores.

3 A PESQUISA NO CAMPO EDUCACIONAL: UMA ARENA DE LUTA DAS VOZES DOS OUTROS

Todo processo de constituição da pesquisa requer um contato vivo com as produções acadêmicas existentes, e isso exige do pesquisador um olhar vivo, uma escuta sensível aos dizeres e às ideias de outros pesquisadores. Por isso, uma boa pesquisa, na área educacional, nasce de um relacionamento com as outras ideias, que estão em processo de circulação. Nesse momento, o pesquisador estabelece uma conversa com diversas ideias na tentativa de firmar o seu próprio pensamento, que é possível, de acordo com Bakhtin (2015, p. 107), “[...] através do labirinto de vozes, meias-vozes, palavras e gestos dos outros”.

Esse caminho árduo de elaboração de ideias (pensamentos e teses), para as pesquisas educacionais, é constituído, como mencionado, numa intensa relação de contato dialógico com um mundo de ideias que nos cercam. Podemos pensar que as ideias nascem nesse

estabelecimento de interrogações, aproximações, escutas e vozes. As ideias não estão isoladas. Assim,

[...] nunca demonstra as suas teses com base em outras teses abstratas, não combina o pensamento segundo um princípio concreto, mas confronta os posicionamentos e entre eles constrói o seu (BAKHTIN, 2015, p. 107).

Nesse sentido, as teses e dissertações nunca partem de uma neutralidade abstrata, ou seja, os objetos estão em permanente contato com as transformações históricas em que vivemos. Nessa direção, estaremos produzindo autênticos sentidos as nossas pesquisas.

Compreendendo a pesquisa educacional situada em um contexto histórico, é nítido que possamos avaliar que toda a sua base de discussão apresenta elementos dos momentos culturais, históricos e sociais, pois entendemos que as pesquisas são feitas por seres humanos, que pensam, questionam e possuem uma forte ligação com os acontecimentos do cotidiano.

Diante disso, falar em produção de pesquisa é dizer que produzimos palavras, ou seja, enunciações que são repletas de vozes e ideias dos outros. As enunciações são tecidas por uma dimensão discursiva, que implica sempre “[...] num caráter interativo, social, histórico, cultural” (BRAIT; MELO, 2005, p. 68). As enunciações nas pesquisas têm esse caráter de ligação com o mundo social, e, portanto, ao produzirmos discursos, estamos fortemente ancorados nas dimensões dos acontecimentos. Os discursos (enunciações), que compõem as pesquisas educacionais, são constitutivos por marcas da história.

As enunciações das nossas pesquisas se constituem nas fronteiras entre as vidas do mundo social e o seu plano verbal, pois podemos compreender por essa dimensão que as ideias, estão, “[...] na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 100). Dessa maneira, ao tratar da questão da enunciação, o que vai efetivamente determinar as nossas ideias é a relação mútua entre o interlocutor e o mundo do outro, ou seja, as ideias dos outros.

Com essa premissa, Bakhtin e Volochínov (2004) dizem que a palavra (ideia) possui duas facetas elementares, pois procede de alguém e se dirige a alguém. Ela constitui “[...] o produto da interação do locutor e do ouvinte [...] é uma ponte lançada entre mim e o outro” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 113). Daí, o caráter dialógico da enunciação que perpassa por todo o pensamento do autor. Na concepção bakhtiniana, toda essa cadeia “entre mim e o outro” está expressa por uma linguagem que é essencialmente dialógica e complexa,

pois nela, exprimem-se historicamente as relações dialógicas dos discursos em um movimento de enunciações presentes na sociedade. Esse movimento está repleto dos enunciados das classes sociais, da igreja, da família, da escola, da universidade etc., que carregam seus valores ideológicos e princípios éticos.

Essa dimensão da ideia é marcada pelo confronto das entonações e dos sistemas de valores nas mais diversificadas e amplas visões de mundo. Todo indivíduo, no seu tempo, vive de acordo com os valores e princípios de sua época. É como se fossem num campo de batalha onde se confrontam as nossas ideias e as ideias dos outros. Nessa perspectiva, o locutor e o interlocutor são ativos. O primeiro acaba antecipando o que o outro vai dizer, isto é, experimenta ou projeta o lugar de seu ouvinte. Sobre outro modo, o interlocutor, diante de uma enunciação, constrói réplicas: concorda, discorda, avalia etc. Entretanto, em todo um ato dialógico o que possibilita a compreensão de uma enunciação é o movimento de diálogos dos enunciados, o confronto dos nossos dizeres com os dizeres alheios. É na relação com o outro que produzimos ideias. Conforme aponta Bakhtin (1997, p. 35-36),

[...] na vida, agimos assim julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem.

É nessa relação com o outro que tomamos consciência de nós mesmos; vemo-nos por meio do outro. Nesse aspecto, Tezza (2005, p. 211, grifo nosso) aponta que:

[...] eu só posso imaginar-me, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico [...] **a minha palavra está inexoravelmente contaminada pelo olhar de fora, do outro**, que lhe dá sentido e acabamento [...] **no universo bakhtiniano nenhuma voz, jamais fala sozinha**. E não fala sozinha não porque estamos, vamos dizer, mecanicamente influenciados pelos outro – eles lá, nós aqui, instâncias isoladas e isoláveis – mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla [...].

Os nossos enunciados e também as ideias são construídos sob a orientação da palavra do outro. De acordo com Tezza (2005), só se torna nossa a palavra quando a povoamos com as nossas intenções. Essas, entretanto, não se encerram aí, seguem sempre em redes carregando outras intenções que também, por sua vez, nunca se perdem. As palavras e as ideias estão carregadas de intenções do outro que a pronunciou. Nesse sentido, Bakhtin (1997, p. 413) diz que “[...] não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico este se perde num passado ilimitado”.

O mundo nos é apresentado e somos apresentados ao mundo por intermédio da linguagem, das palavras. É por meio do diálogo que encontramos a possibilidade de compreensão desse mundo, a compreensão do outro e a compreensão do eu. Em uma perspectiva bakhtiniana enunciativo-discursiva, está posta a condição de compreensão do outro e de participação na vida do outro por meio das nossas relações dialógicas. É nesse viés, que Bakhtin (1997, p. 345) nos convida a pensar que “[...] a relação dialógica é uma relação de sentido que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal”. Nós, seres humanos, passamos a construir sentidos a partir da palavra do outro, que carregam os elementos necessários para sua compreensão. O processo de compreensão é uma resposta, e essa resposta só torna-se possível mediante os sentidos da palavra, ou seja, do enunciado completo. É notório dizer, aqui, que o autor complementa que a compreensão implica dois sujeitos, duas consciências em que esta se constrói pela influência da palavra do outro. Portanto, não podemos nos compreender fora do outro e nem compreender o outro fora de mim.

Em um diálogo, nós sujeitos, construímos os enunciados orientados pela atitude responsiva/compreensiva do outro. Nesse aspecto, os enunciados refletem uma relação dialógica com a palavra do outro e, como diz Bakhtin (2015) com a “voz do outro”. No mundo da vida, as nossas relações sociais se defrontam com enunciados onde habitam muitas “vozes”, que sobrepõem à voz do outro e trazem para dentro do enunciado suas manifestações de valores e visões de mundo. Essas vozes tornam-se próximas, longínquas, anônimas, em que a todo tempo se entrecruzam o passado com o presente. Porém, sabemos que nem sempre o fluxo entre mim e o outro ocorre de forma linear e harmônica.

Evidentemente, que esse campo, o da linguagem, será sempre tencionado pela polêmica e pelo confronto dos nossos próprios dizeres com os dizeres dos outros. Esse movimento dos enunciados, e também podemos dizer das nossas ideias, e instaura-se a partir do processo de interação e esse, por sua vez, só se constrói na e por meio da linguagem. Contudo, a ideia além de se referir ao permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram na sociedade, também se refere às relações entre os sujeitos nos processos discursivos. Logo, de acordo com Bakhtin (2015), só existe vida autêntica em um enfoque dialógico.

Caso essa rede dialógica não for, de alguma forma, possibilitada, Bakhtin nos chama a atenção para um processo de “avaliação à revelia” que, segundo o autor, “[...] não pressupõe nem leva em conta a possível resposta da própria personagem a tal avaliação” (BAKHTIN,

2015, p. 80). Nesse sentido, perderemos as verdadeiras ideias e os movimentos de enunciados, mediante uma avaliação tirana que não leva em conta os nossos dizeres e os nossos posicionamentos. Todos os discursos e ideias precisam passar por uma resposta de avaliação. Mas, nem sempre as ideias trabalham em um clima de harmonia com as outras vozes (ideias).

A diversidade, a diferença, o diálogo e os conflitos de pontos de vista aparecem nas vozes de diferentes atores sociais e afirmações como vozes equivalentes que dialogam com igualdades de poderes, incluindo também o narrador. A última palavra não existe e não há fechamento por parte do narrador, bem como o autor nega o centralismo ideológico. A verdade, embora exista, ninguém a possui. São essas, todas as proposições que caracterizam a noção bakhtiniana de polifonia. Nesse sentido, precisamos salientar que as ideias acabam emergindo desse conceito. Porém, são características sustentadas por um conteúdo histórico, social e ideológico, que trazem em seu bojo o princípio do respeito, da autonomia, da democracia, do direito de cada um poder falar e responder por si mesmo.

Essas características, apesar de desejáveis socialmente, estão, segundo Bakhtin, presentes no romance polifônico de Dostoiévski, onde uma personagem vale tanto quanto um autor. Dessa maneira, o que caracteriza o conceito de polifonia, na história de Dostoiévski, é o fato de que:

[...] em cada voz ele conseguia ouvir duas vozes em discussão; em cada expressão via uma fratura e a prontidão para se converter em outra expressão oposta; em cada gesto captava a segurança e a insegurança simultaneamente; percebia a profunda ambivalência e a pluralidade de cada fenômeno (BAKHTIN, 2015, p. 34).

Toda a constituição das ideias não é só a presença de diferentes vozes, mas a relação de diálogo entre elas, visto que em cada voz há profundas “ambivalência e pluralidade de cada fenômeno”, marcado por uma relação de contradição, onde as diversas vozes se constituem, por meio do diálogo, em pontos de vista contraditórios, em que toda a essência se desenvolve em um diálogo aberto, frente a frente e cada um se revela ao outro voltado para o outro.

É interessante ressaltar que, ao falarmos das ideias como movimentos contraditórios, podemos também afirmar que suas composições se dão por vias de diálogos abertos, que não são neutros dos acontecimentos da vida. Nesse sentido, Dostoiévski, ao dar visibilidade ao ser humano, confere-nos o esclarecimento de que só é possível ser homem encarnado se mergulharmos na existência da vida. Podemos dizer que é impossível representar esse homem

que se refaz permanentemente diante de cada evento concreto da vida, onde ele, como ser, é capaz de transcender-se por meio do horizonte inusitado do tempo.

Nessa perspectiva, constituímos-nos como seres sociais a partir de uma entrada nas relações sociais com outros seres humanos. Tendo em vista que essa relação só é estabelecida pela linguagem, a nossa insistência ao penetrarmos na esfera da linguagem acaba nos constituindo sujeitos de uma trama dialógica que, a todo o momento, estabelecemos uma relação dialógica com as outras ideias. Em relação a esse diálogo constante com a ideia do outro, Bakhtin esclarece que “[...] todas as visões de mundo dos outros se cruzam com a sua visão” (BAKHTIN, 2015, p. 86).

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Por meio do conjunto de reflexões acerca dos conceitos de enunciações, dialogismo, polifonia e ideia, concluimos que Bakhtin instaura uma nova concepção de língua e linguagem, bem como uma nova visão para o ensino-aprendizagem da língua. No bojo das críticas às duas principais correntes do pensamento filosófico-linguístico, o Subjetivismo Idealista e o Objetivismo Abstrato, o autor posiciona a língua como indissociável do curso da comunicação verbal que, nesse sentido, não pode mais ser tratada e, muito menos, estudada como um produto acabado, dado, pronto, mas sim constituído na e pela interação verbal.

Portanto, a perspectiva bakhtiniana traz a interação verbal como um conceito primordial, constituindo, pois, a realidade fundamental da língua e instaura, assim, o caráter dialógico da linguagem, tendo, então, uma posição totalmente contrária a uma reflexão linguística baseada num sistema de regras já construído, uma vez que tal reflexão encontra-se no sentido oposto de uma abordagem histórica e viva da língua. Ao colocar tal posição, Bakhtin enfatiza, também, que a diversidade existente na linguagem reflete, sobremaneira, a diversidade da experiência social. Nessa perspectiva, os conceitos de ideia clarificam as questões que envolvem o sentido das pesquisas, bem como a produção e a construção de outros sentidos para as novas pesquisas.

Para Bakhtin, considerar a língua como um sistema regido por normas não passa de uma abstração, pois não serve para compreensão e explicação dos fatos linguísticos, uma vez que se distancia da realidade viva e evolutiva da língua e de suas funções sociais. Parte de

uma visão racionalista e mecanicista de mundo que desconsidera o potencial do sujeito e suas relações com a língua como fenômeno puramente histórico. Se por um lado, a fragilidade do objetivismo abstrato consiste na rejeição da enunciação, do ato de fala como objeto de estudo, no subjetivismo idealista, o equívoco reside em focalizar o ato de fala na dimensão do psiquismo individual do sujeito falante e, portanto, também não leva em consideração a natureza social da enunciação. Nesse sentido, é proposta uma síntese dialética que evidencia os diferentes elementos que compõem as enunciações inserindo-as num contexto mais amplo que compreende as relações sociais organizadas, “[...] a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico [...] possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem [...]” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 70-71).

É preciso ficar claro que a língua, assim como os sujeitos que a praticam, são unidades heterogêneas, não podendo, portanto, ser analisada isoladamente, desvinculada do seu contexto ideológico-histórico-social, nem pode ser examinada de uma forma estática, pois está sempre evoluindo. Nessa linha de pensamento, Bakhtin pondera que, tanto o objetivismo abstrato como o subjetivismo idealista não conseguem explicar a complexidade sociológica e discursiva da realidade de uma língua, interface às complexidades que subjazem questões de linguagem. Dialogando com essas correntes, mas não as tomando como única, ele afirma que ambas negam o caráter dialógico da linguagem e sua natureza sócio-histórica e ideológica.

Os racionalistas, positivistas e estruturalistas têm uma ideia da língua posta dentro de um sistema fechado, no qual só interessa a lógica interna. A fala, o contexto, o extraverbal, os elementos transitórios, para Saussure e outros componentes dessa orientação, não seriam objetos de estudo da linguística. Para Bakhtin e Volochínov (2004, p. 95), “os partidários do objetivismo abstrato tendem a afirmar a realidade e a objetividade imediatas da língua como sistema de formas normativas”, estudando “as línguas vivas como se fossem mortas e a língua nativa como se fosse estrangeira” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 109).

Com esse entendimento, chegamos à conclusão de que a palavra com significado fixo só será possível no dicionário. Em face dessa afirmativa, Bakhtin nos traz que uma língua em evolução nunca pode ser formalizada e sistematizada. Para ele, toda enunciação, afirmamos também toda ideia é de natureza social e, por isso, nega o objetivismo abstrato, que não aceita a capacidade de as línguas evoluírem mediante do tempo e dos fatos linguísticos serem fatos vivos e em evolução.

Contudo, é preciso salientar que Bakhtin só formulou e expôs o conceito de ideia, enunciações, diálogo e polifonia, mediante o contato com os romances de Dostoiévski, pois só foi possível a formulação do conceito com ajuda das ideias que o autor estabeleceu com os escritos do romancista. Portanto, produzimos ideias para as nossas pesquisas educacionais, em um diálogo constante com as ideias em movimentos e, por meio de uma ligação que sempre estabelece, de acordo com Bakhtin (2015, p. 108), em “interrogar, ouvir, experimentar; combinando uns e desmascarando outros”. À guisa de conclusão, com a ajuda do heterônimo (Álvaro de Campo), é, nas palavras, que as ideias se desprendem e se deslocam.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunicação. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto. p. 61-78.
- TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Unicamp, 2005. p. 209-217.

Artigo recebido em: 20/03/2017

Aceito em: 22/05/2017

Publicado em: 25/06/2018

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT:

MACEDO, Rômulo Teixeira; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Como produzimos ideias para as nossas pesquisas educacionais? **Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica**, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 44-54, jan./jun. 2018.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 44-54, jan./jun. 2018.